

CULTURAS POLÍTICAS E MEMÓRIAS DE RESISTÊNCIAS À DITADURA MILITAR EM SOBRAL-CE (1964-1975): NOTAS PARA UM DEBATE HISTORIOGRÁFICO

José Valdenir Rabelo Filho

Universidade Estadual Vale do Acaraú – UVA/Sobral
rabelo.filho@hotmail.com

Talynne Rose Gomes Portela

talynne_rose@hotmail.com

A pesquisa aqui proposta busca contemplar um tema recorrente na historiografia que trata da história política recente do Brasil Republicano: as resistências à ditadura militar de 1964 articuladas por movimentos juvenis revolucionários, seus referenciais e orientações políticas, assim como, seus projetos de “modernidades alternativas”¹ que irrompem os limites fronteiriços dos grandes centros urbanos e chegam às médias cidades.

Nesta medida pretendemos contribuir para a revisão das experiências² de resistência à ditadura militar praticadas no Ceará, tomando como referencial a cidade de Sobral, média cidade localizada na Região Noroeste do Estado do Ceará, e historicamente marcada por uma forte intervenção do catolicismo romanizado, disciplinador, moralizador de práticas e costumes, tramado a partir das intervenções do Bispo Dom José Tupinambá da Frota, ao longo da primeira metade do século XX.

Referenciamos a atuação desta personagem a fim de indicarmos que a cidade de Sobral, a partir de uma historiografia oficial³, é sempre dada a ver como o lugar da ordem, da disciplina, da moralidade, dos bons costumes, espacialidade que oferece à sua área de influência uma imagem exemplar, fruto de um legado do “segundo fundador, e modernizador” da Cidade, conforme nos sugere o trabalho de Mont’Alverne Girão. Ainda sob orientação desta vertente historiográfica, Herbert Rocha, apresenta o contexto histórico pós-morte de Dom José Tupinambá, como “*Uma noite de cinquenta anos*”, indicando que, “(...) somada à interrupção do processo democrático nacional com a tomada do poder central pelos militares em 1964 (...)”, a cidade passa por um tempo de hibernação, de paralisia, de estagnação cultural, econômica, e política, razão porque o não lembrar e mostrar passa a significar uma estratégia de saber e poder que ambiciona

a cristalização da memória social em torno de um tempo em que a cidade viveu seu “período áureo”, de “progresso”, “modernização” e intervenção “domjoseniana”.⁴

Lugar da recordação, espaço da saudade, a cidade inventada a partir do discurso oficial, na medida em que silencia experiências forjadas em tempos de ditadura, pretende cegar, virar a página da história como uma ação promotora do esquecimento, ainda que seja “(...) quase impossível eliminar o objeto da lembrança, impedir que essa lembrança continue a se reconstruir, repetir, alterar”,⁵ a projetar teimosamente “o fio e os rastros” de experiências de lutas e resistências.

Como nos auxilia a pensar Beatriz Sarlo, “(...) as palavras são, de fato, testemunhas informantes (...)”⁶, instrumentos que nos ajudam a romper com uma tentativa de reconciliação amnésica entre passado e presente, nos permite, as palavras, desmontar a lógica do discurso oficial e seu projeto de memória.

Neste sentido, passamos a considerar que as palavras de Francisco das Chagas Sabóia – natural de Sobral, professor de Matemática e funcionário público já falecido – ajuda-nos a refletir sobre uma “contra-história”, sobre “memórias subterrâneas”⁷ que se opõem à história oficial, pois com ela trava constantes batalhas. Deste modo, o mesmo nos informa que

Bom, aqui em Sobral houve alguns movimentos, ou seja, em certa época os estudantes do Colégio Estadual Dom José Tupinambá da Frota, unidos com os estudantes do Colégio Sobralense, nos íamos fazer (...) uma homenagem a Che Guevara, na Praça do Abrigo Coração de Jesus.

(...).

Porque o Che na verdade era um líder de esquerda, um líder maior, um médico, nós tínhamos boas informações de Guevara. (...), nos recebíamos panfletos, folhetos, e mais, do Rio, de São Paulo, e até de Cuba, porque nós tínhamos um mentor aqui em Sobral muito culto que traduzia pra nós.

(...).

[Tais documentos chegavam] Através do **Padre Luizito Dias Rodrigues**.⁸

Tal proposta discursiva, para um observador desatento, pareceria absurda, duvidosa, sem grandes significados políticos, “coisas de jovens”, não estivessem elas filiadas a outras realizações “revolucionárias”, “esquerdistas”, “acintosas para a manutenção da ordem”, as quais estão registradas nos Relatórios de Investigação do *Serviço Estadual de Informação e Polícia Militar*, e nos Inquéritos Policiais da *Delegacia de Ordem Política e Social* (DOPS/ Ceará). Neste sentido, ainda sobre a homenagem a “Che” Guevara, referenciamos que:

A origem do citado movimento teve início com o trabalho a ser executado em casa, (...), trabalho este sobre o Chefe Revolucionário – Guerrilheiro Comunista – “Che Guevara”. Os debates entre professores e alunos relativos a este Guerrilheiro duraram uma (1) semana. Quando da votação sobre a escolha do Homenageado Especial para figurar na programação de término

de Curso, mais da metade dos concludentes foram a favor do citado Guerrilheiro como Homenageado (Homenagem Póstuma).

(...).

No convite, a frase “NINGUÉM TEM MAIOR AMOR QUE O DAQUELE QUE DÁ A VIDA POR SEUS IRMÃOS” teve a palavra “IRMÃOS” colocada no lugar original Bíblico de “AMIGOS”.

(...).

[Fazendo parte das comemorações do Aniversário da Revolução Comunista Russa] Foram escritas nas paredes de Sobral: I – “OS INTELECTUAIS TAMBÉM QUEREM O SOCIALISMO”; (...); IV – “VIVA O PARTIDO COMUNISTA DO BRASIL”.

(...).

Atualmente, **o maior foco esquerdista de Sobral é o próprio seminário.**⁹

Se anteriormente, a partir de uma proposta romanizada de catolicismo, a cidade de Sobral era idealizada como o lugar exemplar da moral cristã, da harmonia social, dos bons costumes, agora, neste período pós-morte de Dom José e em tempos de ditadura, a mesma passa a ser referenciada como o lugar dos “padres esquerdistas”, “doutrinadores e agitadores”, “comunistas”. Sobral, agora, a partir dos deslocamentos e da formatação de novas culturas políticas forjadas principalmente por clérigos, mas também e essencialmente compartilhada por outros sujeitos, é dita como o espaço que abriga “autênticas demonstrações terroristas”, com seus muros impregnados de dizeres “subversivos” como, por exemplo, “URSS, nossa liberdade, nossa vida”, ou ainda, “Governo ladrão, abaixo a ditadura”, “A democracia é demagogia”, “Fora com os americanos”.

É válido ainda mencionar trechos do artigo “Paciência Irritante”, do jornalista e então deputado estadual pela Arena, Temístocles de Castro e Silva, publicado no periódico Correio do Ceará, de 17 de Setembro de 1968:

Em Sobral, alunos de um **colégio dirigido por um padre**, durante o desfile [de 07 de setembro] inundou a cidade de boletins imundos, insultando o povo, as Forças Armadas e debochando da mais significativa de todas as datas nacionais.¹⁰

Tais questões podem ser também visualizadas em Relatório da *Delegacia de Ordem Política e Social* (DOPS/ Ceará), de 17 de Setembro de 1968, quando o mesmo nos informa que

Em recente viagem feita à vizinha cidade de Sobral pude constatar encontrar-se a referida completamente “pichada” com dizeres contra o governo, de elogio à ex-UNE, e a favor de uma contra-revolução. Além dos pichamentos é constante a distribuição de “Panfletos”, que é feita abertamente (...). Vários dos tais Manifestos foram distribuídos no dia 07 de setembro. Os movimentos contra-revolucionários são orientados pelo Centro dos Estudantes de Sobral, tendo na vanguarda os **Padres: Jean Paul, Franz e Saramago.**¹¹

Ainda como exemplo da (dês)ordem religiosa e social, certamente não suportada no cerne do discurso oficial, o qual ambiciona a cristalização de uma memória “domjoseniana”, que busca apresentar uma cidade harmonicamente equilibrada, mencionamos o auto de prisão “em flagrante delito”, de Josef K.¹², e do menor Gregor Samsa¹³, por “prática terrorista”. Sobre essa questão, citamos:

Tendo sido preso em flagrante delito e apresentado nesta Delegacia o indivíduo Josef K., e colhido, em igual condição, o menor Gregor Samsa, quando os mesmos, às 22 horas de hoje, em frente ao Posto Esso, nesta cidade, de posse de um estopim e de uma tampa de cortiça, procuravam meios para confecção ou aquisição de uma bomba, com que pretendiam destruir o palanque destinado às autoridades, no dia 7 de setembro, armado à Praça Dr. Antônio Ibiapina, nesta cidade, numa autêntica demonstração terrorista, tudo indicando fazerem parte de uma rede subversiva, (...).¹⁴

Tais experiências de resistência às imposições golpistas militares na cidade de Sobral são também narradas em outros vestígios documentais, o que nos permite desde logo sugerir, enquanto uma primeira hipótese a ser testada, que diferentemente do discurso oficial, essa média cidade, ao longo dos anos de 1964 a 1975, foi palco de intensos conflitos políticos, foi contemplada com largos investimentos econômicos, e nesta mesma medida ofereceu aos diversos grupos sociais a possibilidade de definir novas culturas políticas, bem como de compartilhar propostas divergentes de modernidades: uma orientada pelo projeto de Brasil formatado pelas elites militares, com o contributo de potências imperialistas, e aceito por uma considerável parcela da sociedade sobralense; e a outra, forjada à luz dos movimentos sociais, pautada pelas novas tendências de justiça social orientadas pelas experiências socialistas, assim como, pelas renovações das estruturas do catolicismo, que então impulsionam um “cristianismo da libertação”, ideais desejados por personagens que assumem os mais diversos lugares sociais, como por exemplo, estudantes secundaristas, padres, comerciantes, vereadores, artistas, dentre outros.

Neste sentido, a investigação proposta acerca dos movimentos de resistências à ditadura militar na cidade de Sobral, ao longo do curso histórico de 1964 a 1975, pretende, portanto, apontar as fissuras do discurso apresentado por uma historiografia oficial que silencia um momento da história política brasileira ainda inconcluso, pois, teima em lançar para o nosso tempo presente questões que anseiam por respostas.

Assim, o tema é contemplado por meio do estudo das culturas políticas formatadas entre, de um lado, aquele grupo que insistentemente pretende silenciar, fazer esquecer o tempo e as experiências de luta forjadas em tempos de ditadura, e, aqueles que desejam ter suas lembranças narradas, para que assim possam, quem sabe, melhor

viver hoje, para que então atuem na construção de novos discursos, inventariando memórias e reformando as bases de uma democracia inacabada.

Jeanne Marie Gagnebin (2006, p. 47) nos alerta que nós, historiadores, temos uma tarefa “altamente política”, pois a todo momento somos instados a compreender que “(...) lutar contra o esquecimento e a denegação é também lutar contra a repetição do horror (que, infelizmente, se reproduz constantemente)”. Assim, seguimos pelas veredas indicadas por Gagnebin a fim de lembrarmos o passado não como uma espécie de culto, mas como um monumento que precisa ser lido, problematizado, refletido à luz do tempo presente.

O Golpe militar de 1964, como reflexo das ações de reorganização das elites conservadoras do Brasil, que ao longo dos primeiros anos dessa década assistiram aturdidas a organização de movimentos sociais populares com ares revolucionários, que passavam a abrigar “(...) um claro cunho *nacionalista, anti-imperialista* (leia-se contra a preponderância do capital estrangeiro), e *estatista, (...)*”, pode ser entendido a partir da leitura das configurações políticas pautadas no campo dos enfrentamentos forjados à luz da *guerra fria*, da qual o Brasil não conseguira se tornar imune.

Ou seja, frente aos projetos de *modernidades alternativas*, que pretendiam *reformas de base*, que ambicionavam a legitimação de um cenário permissivo à participação social na tomada das decisões políticas, que defendiam a liberdade nacional, que idealizavam a justiça e a revolução social, que se radicaliza, pois toma como referência outras experiências que ensaiam proximidades com ideais socialistas, se insurgem os projetos de *modernidades liberais*, defensores da livre iniciativa, da moralidade cristã, e dos valores que norteiam os ideais imperialistas do capitalismo.

Compreendemos que os conceitos de *socialismo* e *capitalismo* comportam um amplo cabedal de significados, pois os sujeitos que deles se apropriam, assim o fazem desobedecendo à lógica da imutabilidade, pois com eles estabelecem usos provisórios, realizando-os na medida em que os refinam para uma apropriada utilização no cotidiano. Deste modo, utilizaremos os termos *socialismos* e *capitalismos* sempre no plural, ainda que exista um esforço por parte das elites golpistas de categorizá-los numa perspectiva uniformizadora.

Novos destinos, outras fronteiras: culturas políticas e memórias de resistências

Em relação ao período de vigência da ditadura militar brasileira, ou mesmo sobre a história política do Brasil, temos assistido a novos e acalorados debates

impulsionados pela composição de outras perspectivas de interpretação dos fenômenos políticos, notadamente abertas pelo paradigma culturalista, ou “*guinada subjetiva*”, promovendo assim um campo conceitual permissivo aos estudos das *culturas políticas*. Os novos horizontes, então fendidos, têm oportunizado outras leituras sobre a disputa pelo poder, pois têm orientado o profissional da História a identificar novos problemas, a visualizar “velhos problemas em novas formas”, pois “(...) assim como o objeto de investigação se modifica, também se modificam as questões adequadas”.¹⁵ Tais renovações viabilizam condições para a promoção de deslocamentos dos discursos, das formas de abordagem e possibilidades de leitura do passado numa relação mais direta com o tempo presente.

Nas trilhas percorridas em busca de sinais que possam imprimir uma dinâmica à investigação histórica, o historiador, no seu exercício de indiciamento, acaba por se deparar com outros vestígios, os quais ressignificam o seu caminhar, o seu olhar, trazendo à luz outras sendas pelas quais andarilhar forja-se como possibilidade para a recomposição mesma de seu problema histórico.

Neste sentido, as veredas percorridas, no exercício de formação de possibilidades indiciárias para a elaboração deste trabalho, oportunizaram uma aproximação com *Inquéritos Policiais Militares* (IPM's), e processos-crime, de presos políticos, e personagens inquiridos pela junta militar da 10ª Região Militar/CE, ao longo dos 21 anos de ditadura.¹⁶ Dentre os quais, encontramos um ator social que não trafega no discurso corrente sobre a memória da cidade, o qual seria Pierre.¹⁷

Pierre, natural do Município de Uruburetama, após vários anos morando em Fortaleza, ao longo dos quais por várias vezes foi indiciado e mesmo preso por suas vinculações políticas – de acordo com o seu prontuário junto à *Delegacia de Ordem Política e Social*, sua primeira prisão, acusado como extremista, data de 24 de Novembro de 1935, por ser filiado à *Aliança Nacional Libertadora* (ANL); a segunda, em 17 de Janeiro de 1936, é anunciada, pois o mesmo, em sua residência estabelecia conversas com vizinhos sobre a A.N.L.; no ano de 1939, é preso acusado de exercer atividades extremistas; no ano de 1940, é preso por supostas ligação com o *Partido Comunista Brasileiro*, sediado no Rio de Janeiro; em 1942, é detido pelo DOPS/CE, por tentativa de querer tomar a Base Aérea do Pici/ Campo de Aviação Panair; já no ano de 1968, é preso na cidade de Sobral – desloca-se para a cidade de Sobral, aí estabelecendo morada e passando a exercer atividades no setor de comércio. De acordo com Francisco das Chagas Sabóia, uma vez proprietário de dois bares, “*Crepúsculo*” e “*Aurora*”¹⁸,

Pierre, muito mais do que como um simples comerciante, era conhecido por suas vinculações político-partidárias, e, na cidade de Sobral, o mencionado proprietário de bar, declaradamente *comunista*, era tomado como ponto de referência na articulação de movimentos populares, sendo por muitas vezes indiciado como responsável por ações “subversivas”.

Sendo assim, por suas vinculações políticas, Pierre, ao longo da ditadura civil-militar, implantada em 1964, vai ser um eminente suspeito de promover toda e qualquer manifestação social de caráter contestador contra a referida ordem, na cidade de Sobral – porém, não foi o único, como se pode observar.

Daí, no ano de 1968, o mesmo personagem, acusado de portar em sua residência, obras proibidas, e de incitar, na cidade, a partir de contatos com grupos de trabalhadores e camponeses, a formação de movimentos de contestação ao regime político vigente, acaba por ser detido. Coibir a leitura, a produção intelectual, musical, teatral, artística de modo geral, que se distanciasse da ideologia apregoada, e mesmo que tendesse a posturas e ações contrárias, forjava-se como base mantenedora do regime; e, oportunizar a criação ou mesmo portar ou fustigar tais tendências constituía-se como crime contra a ordem política e social.

Deste modo temos que,

Agentes da Delegacia de Ordem Política e Social realizaram, em dia desta semana, uma diligência na cidade de Sobral com o fim de apreender material considerado subversivo. E como resultado das intensas investigações levadas a efeito prenderam o proprietário do “Aurora”, Sr. Pierre, que tinha em seu poder alguns exemplares de publicações consideradas pelas autoridades, pela DOPS e outros órgãos de segurança como “subversivos”, tais como o jornal “Voz Operária”, órgão central do PCB, o “Estatuto do PCB”, as “Resoluções do IV Congresso do PCB”, o “Vietnam, Segundo Giap”, e ainda o “Manifesto Comunista de 1848”. Não deixou contudo de causar estranheza a apreensão, como “material subversivo”, de obras de economia política, como por exemplo, “Um Projeto para o Brasil”, de Celso Furtado (e que não é outra coisa senão a conferência proferida, há poucos dias, pelo conhecido economista, perante a Câmara dos deputados, em Brasília), e o “manifesto Comunista de 1848” de Harold Laski, o principal teórico do Partido Trabalhista da Inglaterra.¹⁹

Como pode ser observado, o sistema pedagógico persecutório do regime civil-militar se estabelece como princípio mantenedor da ordem imposta, onde querer ler/ver ou transformar as realidades brasileiras a partir de um outro ponto de referência, que não o proclamado pelas elites político-econômicas, forja-se como ato criminoso, como ação subversiva, onde imobilizar simboliza o atalhamento da “contaminação”.

Em seu prontuário junto à *Delegacia de Ordem Política e Social* (DOPS), podemos visualizar o porquê da necessidade, por parte das forças armadas, de tirar da

cena cidadina sobralense esse personagem proprietário de bares, e leitor de obras com vinculações ao sistema teórico-prático comunista. Deste modo, em referência à sua prisão na cidade de Sobral no ano de 1968, o mencionado prontuário trata que,

Nesta data foi constatado que PIERRE vem mantendo contatos constantes e sucessivos com operários e camponeses, fazendo abertamente proselitismo do comunismo. Juntamente com LANGLOIS, carcereiro da CADEIA PÚBLICA DE SOBRAL, vem promovendo pichamentos esquerdistas nos principais pontos da cidade. O epigrafado fez abertamente uma arrecadação para financiar os movimentos esquerdistas, indo às residências de SOBRAL, além de organizar reuniões nas casas de família, estimulando a formação de uma “FRENTE FAMILIAR CRISTÃ”, contra a DITADURA. Preso nesta data por exercer atividades subversivas e entregue À SDR DO DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL.²⁰ (*Grifos no original*)

Como pode ser observado, então, os movimentos de resistências à ditadura militar em Sobral promoveram certa turbulência na ordem social e política da cidade, ao longo dos anos de 1964-1975. O acesso a essas experiências de resistências, forjado a partir de novas leituras sobre “velhos” documentos, bem como de uma leitura atenta de “novos” vestígios, nos permite desmontar a lógica do discurso oficial que pretende recortar ou mesmo apagar da história do lugar, memórias, sentimentos, cores, modos de saber e fazer, projetos e culturas políticas alternativas, tempos e narrativas.

NOTAS

¹ Cf. REIS FILHO, Daniel Aarão; ROLLAND, Denis. (Orgs.). **Modernidades Alternativas**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2008.

² Compartilhamos das sugestões de E. P. Thompson sobre o conceito de “experiência”. Cf. THOMPSON, E. P. **A formação da classe operária inglesa: a maldição de Adão**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987. (Coleção Oficinas da História, v. 5), em especial o capítulo “Padrões e experiências”.

³ Por historiografia oficial entendemos um discurso histórico organizado em torno de um eixo que faz de Sobral uma cidade pioneira e diferente, portadora de um lastro civilizatório para toda a região. Sobre tais questões ver: SOARES, José Teodoro. **A idéia de modernidade em Sobral**. Fortaleza: Edições UFC/UVA, 2000. MONT’ALVERNE GIRÃO, Glória Giovana S. **Sobral: história e vida**. Sobral: Edições UVA, 1997. ROCHA, Herbert. **O lado esquerdo do rio**. São Paulo: Hucitec: Secretaria de Desenvolvimento da Cultura e do Turismo; Sobral: Escola de Formação em Saúde da Família Visconde de Sabogosa, 2003.

⁴ Cunhamos aqui este conceito que passa a fazer referências às idéias, projetos, e memórias do Bispo Dom José Tupinambá da Frota.

⁵ SARLO, Beatriz. **Paisagens Imaginárias: intelectuais, arte e comunicação**. Trad. Rubia Prates e Sérgio Molina. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1997. (Ensaio Latino-americanos; 2). p. 34.

⁶ Ibidem. p. 33.

⁷ POLLAK, Michael. “Memória, esquecimento e silêncio”. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, vol.2, n.º. 3, 1989.

⁸ Francisco das Chagas Sabóia. (Nov. de 2006). Sobral. Entrevista concedida a José Valdenir Rabelo Filho e Edvanir Maia da Silveira. p. 02.

⁹ Relatório de Viagem a Sobral-CE. 14 de Dezembro de 1967. Delegacia de Ordem Política e Social. Acervo do Arquivo Público do Estado do Ceará.

¹⁰ Relatório de Viagem a Sobral-CE. 14 de Dezembro de 1967. Delegacia de Ordem Política e Social. Acervo do Arquivo Público do Estado do Ceará. p. 08

¹¹ Utilizamos aqui nomes fictícios pelo simples e delicado fato de não possuímos autorização das partes citadas para tornarmos de domínio público experiências de vida relatadas nos documentos da Delegacia de Ordem Política e Social (DOPS/ Ceará). Contudo, informamos que os dados desta narrativa foram colhidos no Relatório de Viagem a Sobral-CE. 17 de Setembro de 1968. Delegacia de Ordem Política e Social. Acervo do Arquivo Público do Estado do Ceará.

¹² Idem. Apropriamo-nos de nome de personagem apresentado por Franz Kafka em **O Processo**.

¹³ Idem. Apropriamo-nos, agora, de nome de personagem apresentado por Franz Kafka em **A Metamorfose**.

¹⁴ Portaria. Delegacia Especial de Polícia em Sobral. 06 de Setembro de 1969. Delegacia de Ordem Política e Social (DOPS).

¹⁵ Cf. E. P. Thompson. **As peculiaridades dos ingleses e outros artigos**. Campinas: Editora da Unicamp, 2001. p. 48.

¹⁶ Os referidos documentos podem ser encontrados na *Associação Anistia 64/68*, na cidade de Fortaleza.

¹⁷ Utilizamos aqui nomes fictícios pelo simples e delicado fato de não possuímos autorização das partes citadas para tornarmos de domínio público experiências de vida relatadas nos documentos da *Associação Anistia 64/68*, localizada em Fortaleza, Ceará.

¹⁸ Nome fictício.

¹⁹ DOPS encana Celso Furtado e H. Laski. **O Povo**. Fortaleza, 16 de out. de 1968. p. 08.

²⁰ DELEGACIA DE ORDEM POLÍTICA E SOCIAL, **Prontuário nº. 13**, Secretaria de Polícia e Segurança Política do Estado do Ceará, Seção de Investigações e Segurança Política. Arquivo de posse da *Associação Anistia 64/68*.

BIBLIOGRAFIA

AZEVEDO, Cecília. [Et. Al.]. **Cultura política, memória e historiografia**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2009.

AZZI, Riolando. **História da Igreja no Brasil: ensaio de interpretação a partir do povo: tomo II/3-2: terceira época: 1930-1964**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008. (Coleção História Geral da Igreja na América Latina).

CALVINO, Ítalo. **As cidades invisíveis**. Trad. Diogo Mainardi. Rio de Janeiro: O Globo; São Paulo: Folha de São Paulo, 2003.

CERTEAU, Michel. **A Escrita da História**. Trad. Maria de Lourdes Menezes. 2º ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2002.

CHAVES, Luciano Gutemberg Bonfim. **Entre o Evangelho e a Revolução: Ações Educativas realizadas na cidade de Crateús-CE, no período de 1964 a 1971, sob a orientação de Dom Antônio Batista Fragozo**. Dissertação de Mestrado em Educação. Fortaleza: Universidade Federal do Ceará, 2008.

FERREIRA, Jorge; REIS FILHO, Daniel Aarão (Orgs.). **Revolução e democracia (1964 - ...)**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007 (Col. As esquerdas no Brasil; v. 03).

FERREIRA, Marieta de Moraes & AMADO, Janaína (Orgs.). **Usos & Abusos da história oral**. Rio de Janeiro: FVG, 1996

FICO, Carlos. [Et. Al.]. **Ditadura e democracia na América Latina: balanço histórico e perspectiva**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2008.

GINZBURG, Carlo. **O fio e os rastros: verdadeiro, falso, fictício**. Trad. Rosa Freire d'Aguiar e Eduardo Brandão. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

MAIA JÚNIOR, Edmilson Alves. **Memórias de luta: ritos políticos do movimento estudantil universitário (Fortaleza, 1962-1969)**. Fortaleza: Edições UFC, 2008.

MAINWARING, Scott. **A Igreja Católica e a política no Brasil (1916-1985)**. Trad. Heloisa Braz de Oliveira Prieto. São Paulo: Brasiliense, 2004.

MELO, Luis Carlos Leite de. **Igreja e Estado no Brasil: encontros e desencontros. O caso de Crateús-CE (1964-1974)**. Dissertação de Mestrado em História. Recife: Universidade Federal de Pernambuco, Universidade Estadual do Ceará, 2000.

-
- MONTENEGRO, Antonio Torres. **História, Metodologia, Memória**. São Paulo: Contexto, 2010.
- MOTTA, Rodrigo Patto Sá. (Org.). **Culturas Políticas na História**: novos estudos. Belo Horizonte, MG: Argvmentvm, 2009.
- POLLAK, Michael. “Memória, esquecimento e silêncio”. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, vol.2, n°. 3, 1989.
- PORTELI, Alessandro. **Ensaio de história oral**. Trad. Fernando Luiz Cássio e Ricardo Santhiago. São Paulo: Letra e Vozes, 2010. (Coleção idéias).
- REIS FILHO, Daniel Aarão. **Ditadura Militar, esquerdas e sociedade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2000. (Coleção Descobrindo o Brasil).
- _____; RIDENTI, Marcelo; MOTTA, Rodrigo Patto Sá (Orgs.). **O golpe e a ditadura militar**: quarenta anos depois (1964-2004). Bauru, SP: EDUSC, 2004. (Coleção História).
- RÉMOND, René. (Org.). **Por uma história política**. Trad. Dora Rocha. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003.
- RIOUX, Jean-Pierre; SIRINELLI, Jean-François. (Orgs.). **Para uma História Cultural**. Lisboa: Editorial Estampa, 1998.
- SARLO, Beatriz. **Tempo Passado**: cultura da memória e guinada subjetiva. Trad. Rosa Freire D’Aguiar. São Paulo: Cia das Letras; Belo Horizonte: UFMG, 2007.
- SOIHET, Raquel. [Et. Al.]. **Mitos, projetos e práticas políticas**: memória e historiografia. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009.
- WILLIAMS, Raymond. Cultura. In: **Marxismo e Literatura**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1979.